

SIGMAVILLE: 62% VENDIDO EM 30 DIAS.

Crescimento pode demorar ainda 4 anos

PIB não se recupera logo e inflação de julho passa de 10%, diz Pastore

EBN

O Brasil poderá esperar até 4 anos para registrar um novo crescimento no seu Produto Interno Bruto, ao mesmo tempo em que, durante alguns meses ainda, terá que conviver com inflação alta que o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, estima entre 6,5% e 7%. Segundo Pastore, a inflação de julho será superior a 10%.

Durante a palestra que fez ontem na Escola Superior de Guerra, no Rio, Pastore afirmou que "a perspectiva de retomada do crescimento econômico no caso brasileiro é de 2, 3 ou talvez 4 anos, para se voltar a ter as taxas anteriores — à crise atual — de crescimento do PIB".

Segundo Pastore, que reafirmou a prioridade do Governo com a economia na área externa, deixando para depois problemas internos, como a inflação, o

crescimento do PIB, quando for alcançado, deverá ser em taxas moderadas, em torno de 5%. Ele também destacou que, a partir da próxima renegociação da dívida externa, o Brasil partirá para um plano multi-anual, "de 2, 3, 4, 5 ou 6 anos para evitar um novo estrangulamento daqui a alguns anos". A próxima renegociação deverá permitir que o Brasil, dentro de dois anos, tenha reservas no valor de US\$ 10 bilhões.

A reativação da economia, disse Pastore, será feita em três fases. A primeira, que ele considera já estar ocorrendo, é a "puxada", com crescimento nos setores de exportação e agrícola. A segunda fase, será de reativação da construção civil, que o presidente do Banco Central destaca ser muito importante na medida em que

também reativará a oferta de emprego, e a terceira fase, do desenvolvimento auto-sustentado, quando a economia poderá contar com juros mais baixos, o que implicará em menor pressão do Governo sobre o open market, reduzindo a colocação de seus títulos no mercado.

INFLAÇÃO

A inflação de julho, garantiu Pastore, ficará abaixo dos 13% registrados em julho do ano passado, "mas ainda ficará alta, acima dos 10%". Ele disse que as duas principais causas para a pressão inflacionária são os níveis da correção cambial e monetária.

A correção cambial, reconhece Pastore, realimenta a inflação, mas não poderia ficar abaixo desse nível sob risco de desestimular as exportações.

Também a correção monetária provoca alta da inflação, mas, diz Pastore, o Governo não poderia adotar o tratamento de choque proposto pelo ex-ministro da Fazenda, Otávio Bulhões — corte ao crédito e extinção da correção monetária — sob risco de destruir o parque produtivo do País.

Pastore admitiu que, embora o esforço para formação de reservas seja também uma das causas da desenfreada espiral inflacionária, "o Governo vai resolver primeiro o problema externo e depois o da inflação. Este esforço, salientou ele, vai permitir que o País chegue ao final do ano com mais de US\$ 6 bilhões em caixa, além de levar a balança comercial a um superávit de US\$ 12 bilhões, bem superior aos US\$ 9 bilhões estabelecidos como meta para este ano.